

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS**

Departamento de Letras Modernas

**O funcionamento da estrutura proverbial em "Terra
Sonâmbula"**

Trabalho de Projecto apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Linguística.

Océlio Rafael Zivane

1996

821.134.3(679)
Z 82 f

LT-105

C. LETRAS U. E. M.	
R. E.	26131
DATA	27/ Maio 1998
ACQUIÇÃO	O Letra
COTA	LT-105

O FUNCIONAMENTO DA ESTRUTUTURA DO PROVÉRPIO EM "TERRA SONÁMBULA"

Trabalho de projecto apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane.

Departamento de Letras

Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Moçambique

Por:

Océlio Rafael Zivane

Maputo, 1996

Declaração

Declaro que este trabalho de projecto nunca foi apresentado, na sua essência, para obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

RESUMO DO TRABALHO

O presente trabalho de projecto trata do uso da estrutura do provérbio no livro "Terra Sonâmbula" de Mia Couto. Fizemos o levantamento das expressões que supomos possuírem a estrutura do provérbio, na obra em causa, para posteriormente compará-las às estruturas formais comuns em construções proverbiais. Tal comparação incidiu sobre as estruturas linguísticas e as estruturas retóricas decorrentes da organização das proposições constituintes dos provérbios.

Na essência, este trabalho faz uma análise do funcionamento do provérbio na literatura escrita, que passa pela situação e contexto em que é produzido.

Julgamos que a partir deste trabalho, poder-se-ão apreender linhas gerais para um estudo mais profundo do funcionamento da estrutura do provérbio oral em literatura escrita, concretamente em "Terra Sonâmbula", tanto no seu aspecto linguístico como no seu aspecto retórico, permitindo assim uma inferência sobre o estilo adoptado por Mia Couto.

Organização do trabalho

Conteúdos	página
Resumo.....	1
Introdução.....	2
I. Pressupostos teóricos.....	2
1. Noção de provérbio.....	2
2. Contexto em que ocorrem os provérbios.....	5
3. Funcionamento do provérbio na literatura escrita.....	6
II. Proposta de trabalho.....	8
1. Identificação do problema.....	8
2. Justificação/Objectivos.....	9
3. Metodologia.....	9
III. A estrutura e o estilo do provérbio.....	10
1. Estruturas linguísticas.....	11
1.1. Axioma.....	11
1.2. Proposição.....	12
1.2.1. Proposição negativa e proposição positiva.....	12
1.2.2. Contraste de proposições.....	13
1.2.3. Relação de implicação entre as proposições.....	14
1.2.4. Relações de equivalência entre elementos de uma mesma proposição.....	16
2. Processos retóricos.....	17
2.1. Noção de metáfora e seu funcionamento.....	18
2.2. O funcionamento da metáfora em provérbios orais e sua aplicação em literatura escrita.....	19
IV. Contexto em que são produzidos os provérbios.....	20
V. Conclusão.....	24
Anexos	
Bibliografia	

INTRODUÇÃO

O projecto que aqui apresentamos é consequência da semelhança que notamos entre as formas do provérbio oral e a linguagem usada por Mia Couto na sua obra "Terra Sonâmbula". Tal semelhança podia ser por mero acaso ou não. Mas atendendo que Mia Couto pode ter tido contacto com utentes de provérbios orais africanos, julgamos que a coincidência seria propositada, no intuito de não só tornar a sua obra verosímil, tendo em conta os factos que se davam na época em que se situam, mas também de revelar certas ideias e pontos de vista de uma forma indirecta e não responsabilizada. É assim que nos propomos fazer um estudo das estruturas do provérbio presentes na obra em causa, correlacionadas com as estruturas formais, bem como dos contextos e situações em que os provérbios orais e as estruturas proverbiais presentes em "Terra Sonâmbula" são produzidos.

Julgamos que as conclusões a que nós chegamos, pela natureza do trabalho, poderão ser úteis para futuros trabalhos de análise literária, fundamentalmente no que diz respeito ao funcionamento do provérbio na literatura escrita, já que elas não são acabadas.

I. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1. Noção de provérbio

Analistas do provérbio têm tido dificuldades de estabelecer uma definição que não se confunda com as de outras formas da literatura oral, tais como: máxima, adivinha, história, etc..

Contudo, algumas delas revelam-se mais aproximadas à realidade.

Nketia (1958) considera que o provérbio é um modelo de compressão da linguagem. Esta definição faz referência a uma parte ínfima das características do provérbio, que também pode ser identificada noutras formas linguísticas. Finnegan (1970) dá uma maior amplitude ao conceito de provérbio ao considerar que é um ditado numa forma mais ou menos fixa, marcada por "shortness" e sentido e que se distingue pela aceitabilidade popular da verdade concisamente nele expressa. Esta definição parece-nos ser a que se aproxima mais da realidade, já que realça um aspecto importante - a forma mais ou menos fixa do provérbio - para além da sua "dimensão" curta e da verdade popularmente aceite. Se se considera que a forma do provérbio é mais ou menos fixa, então, para uma melhor identificação do mesmo deve-se tomar em conta esta sua característica, associada às outras já referidas. Não queremos dizer com isto que as outras características sejam de menor importância que a forma. Este destaque deve-se fundamentalmente às várias possibilidades que esta característica oferece, em termos de análise, e também à natureza do trabalho que pretendemos realizar, que tem a ver com o estilo usado por Mia Couto no seu livro "Terra Sonâmbula", mais adiante apresentado com maior precisão.

* É quase unânime que nos provérbios, principalmente os africanos, nota-se a forma poética em que muitos são expressos. Esta forma poética transporta consigo uma verdade que, segundo Finnegan (p.395), pode ser transmitida de diversas maneiras: mais ou menos literalmente, através da metáfora, através da semelhança, através da hipérbole, etc. Muitos exemplos podem ser

apresentados, contudo, vamos apresentar dois da língua Xitsonga:

(1) Transmissão literal

"A mulungo anganaxaka. Xaka layena imale."

(Finnegan, p.395)

O branco não tem parente. Seu parente é o dinheiro .

(2) Metáfora

"Ungadjondzisi nhlampfi akuhlamba." (Junod, p.90)

'Não ensine o peixe nadar'

- Não ensine dado trabalho a quem já o conhece.

No exemplo (1), apesar de a transmissão da verdade ser de uma maneira literal, nota-se uma forma poética representada pelo ritmo, marcado principalmente pela pausa. Toma-se como verdade o que nele vem expresso pelo facto de os povos do sul de Moçambique, maioritariamente falantes do Xitsonga, considerarem que o relacionamento de um branco com qualquer outra pessoa, da mesma raça ou de raça diferente, é motivado pelo dinheiro e não por afecto ou compaixão reais. No exemplo (2), a expressão metafórica usada para transmitir de uma forma oblíqua a verdade é mais frequente e produtiva na formação de provérbios. É evidente que não se pode ensinar um peixe a nadar, de igual modo que não se pode ensinar a alguém um trabalho que já conhece. Estas formas oblíquas de transmitir a verdade podem suscitar algumas perguntas: quando é que são produzidos os provérbios e como é que são apreendidas as suas implicações? Estas questões só podem ser respondidas com análise do contexto em que o provérbio ocorre. Em seguida apresentamos algumas abordagens a este respeito.

2. Contexto em que ocorrem os provérbios

"There is no proverb without the situation".

(Cristensen, 1958)

Esta citação feita por Finnegan, (p.407) realça o papel do contexto na análise do funcionamento e implicação do provérbio. É necessário conhecer em que ocasião e com que propósito é que são usados os provérbios, de modo a entender-se a sua implicação e função.

As funções do provérbio podem ser várias e o mesmo provérbio, nalguns casos, pode ser usado com diferentes funções, dependendo do modo de enquadrá-lo numa dada situação comunicativa. Pode ser usado para convencer alguém, o que acontece em várias línguas; é usado também por juizes e conselheiros para comentar obliquamente sobre a conduta dos envolvidos em alguma situação anómala; é também frequente notar-se o uso do provérbio para suavizar um desentendimento ou levar uma briga a um desfecho. Há também casos frequentes do uso do provérbio, de um modo consciente, não simplesmente para destacar ou enfatizar um determinado aspecto dentro de um discurso mas também para dar beleza à fala do emissor, tornando-a mais apreciada e mais admirada pela audiência. O uso do provérbio com estas funções é motivado pela situação comunicativa e a escolha do provérbio deve ser compatível com tal situação. Por exemplo, o provérbio da língua Xitsonga "Akupsala iwukosi, kuyambala imavalavala" 'Dar ou ter filhos é riqueza, vestir são colorações', seria pertinente numa situação (de entre outras) em que alguém tenta convencer outrém que valoriza mais a sua roupa, que gosta

de se vestir da melhor maneira, para dar mais valor aos filhos, para deixar de prestar mais atenção à beleza em benefício da reprodução. O provérbio tomado como exemplo pode não ser pertinente para uma comunidade ou povo cuja filosofia seja de estancar o crescimento populacional. Isto mostra por outro lado que a produção de provérbios, frequentemente, tem por objectivo representar a filosofia de um povo.

Portanto, o provérbio pode ser analisado em termos do seu funcionamento correlacionado com a situação em que é produzido e com o contexto sócio-cultural dos seus utentes, de modo que se apreenda a sua implicação.

Como já nos referimos anteriormente, o provérbio é expresso numa forma poética que constitui um adorno à fala. É por isso que Finnegan considera o provérbio como uma rica fonte de imagens e sucinta expressão na qual se constituem formas mais elaboradas (p.389). Tais formas elaboradas, próprias da literatura oral, são usadas em alguns casos em textos escritos, tal como nos poemas de Muyaka em Swahili (Finnegan, p.391). Face a esta realidade, será que os provérbios são usados na literatura escrita com o mesmo funcionamento que nos apresentam na literatura oral?

3. Funcionamento do provérbio na literatura escrita

Sobre o funcionamento do provérbio na literatura escrita, pouco se tem falado e nos poucos casos em que se fazem abordagens a este respeito tem sido de uma maneira superficial.

Finnegan faz referência ao uso de provérbios tradicionais nas formas escritas, tal como nos referimos anteriormante.

Contudo não adianta nada que se relacione com o seu funcionamento nesta forma de literatura, bem como a situação em que ocorrem. Atendendo que os provérbios, particularmente os africanos, são formas poéticas de literatura oral, é de esperar que o seu funcionamento nesta forma de literatura, assim como a situação em que ocorrem, possam não ser os mesmos que se podem detectar quando usados na literatura escrita. Com relação a este aspecto- semelhança ou não no funcionamento dos provérbios bem como da situação em que são empregues nas duas formas de literatura- achamos conveniente tecer algumas considerações a respeito do estilo.

Carlos Reis (1981), ao analisar as diversas abordagens que se fazem sobre o estilo, conclui que este é entendido como resultado da expressão de uma subjectividade e que tal processo consubstancia-se através de uma elaboração formal detectável ao nível textual (p.151). Deste posicionamento, ressalta o facto de o estilo ser considerado como consequência da expressão de uma subjectividade do autor. Contudo tal expressão da subjectividade exige o contributo de qualidades de execução especificamente técnico-literárias compatíveis com a realidade descrita. Quer-se com isto dizer que a subjectividade do sujeito criador e as suas qualidades de execução podem ser influenciadas pela interacção, por exemplo, de um determinado tipo de personagens no caso de uma narrativa. Assim, é de esperar que o uso do provérbio na literatura escrita esteja relacionado com a intenção de ilustrar os hábitos culturais dos intervenientes na narração e o seu funcionamento pode ser detectável tomando em conta a já referida interacção dos protagonistas da história. Pode-se usar a

estrutura proverbial para exprimir ideias de uma forma abstracta, tornando-as atemporalizadas e sem a identidade do sujeito enunciador. É de notar que na Europa, no século XVII, já existia a chamada "literatura popular". Segundo Aguiar e Silva (1990, p. 117-118), ela era dirigida a um público semiletrado com o objectivo de lhe proporcionar um entretenimento, realização fictícia de anseios e sentimentos, e alguma instrução e informação sobre eventos e personagens históricos ou lendários, sobre fenómenos naturais, etc. Mais tarde este tipo de literatura é retomado pelos romântico-tradicionalistas, usando-a para exprimir, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo (p. 116). Portanto, isto mostra que o recurso a formas da literatura oral não é um fenómeno novo, o que pode variar são os objectivos do uso destas formas de acordo com o tempo em que são usadas.

II. PROPOSTA DE TRABALHO

1. Identificação do problema

Atendendo a que em Moçambique se falam línguas Bantu, ricas em provérbios, e que a produção literária neste país tem sido feita maioritariamente em Língua Portuguesa, há a probabilidade de alguns escritores aproveitarem a forma poética dos provérbios para enriquecerem as suas obras. Julgamos ser o caso de Mia Couto em "Terra Sonâmbula" dado que nos parece fazer transparecer nesta obra a estrutura do provérbio. Deste modo, propomos como objecto deste trabalho a análise da estrutura do provérbio que ocorre



nesta obra, de modo a fazermos ressaltar o seu funcionamento em literatura escrita, relacionando este funcionamento com as situações em que tais estruturas ocorrem. Este trabalho alicerça-se na hipótese de que o estilo usado por Mia Couto no seu livro "TERRA SONÂMBULA" passa pelo provérbio.

2. Justificação/Objectivos

Tomando como base a bibliografia lida, seria de esperar que fizéssemos uma análise do provérbio em "Terra Sonâmbula". Contudo, atendendo a que este livro está escrito em Língua Portuguesa e que, segundo Finnegan, a forma poética dos provérbios não é notável em colecções traduzidas (p. 395), não encontraríamos o objecto pretendido. Por esta razão, debruçar-nos-emos sobre a estrutura do provérbio prevalecente na obra já referida.

Pensamos que com este trabalho podemos ilustrar alguns caminhos que poderão permitir analisar o uso de certas formas de literatura oral em trabalhos literários escritos, já que constitui nosso objectivo mostrar algumas das funções que a estrutura proverbial pode desempenhar em literatura escrita, assim como as situações em que ocorre neste tipo de literatura.

3. Metodologia

A questão principal do nosso trabalho tem a ver com a identificação das expressões que contêm estruturas do provérbio no livro "Terra Sonâmbula" de Mia Couto. Tendo em conta que a

estrutura do provérbio pode apresentar-se de diversas formas, em primeiro lugar faremos o levantamento de expressões que supomos possuírem tal estrutura, para posteriormente serem comparadas às estruturas teóricas referidas por Finnegan. Já que a implicação do provérbio, bem como a sua função, só se notam tomando em conta o contexto em que é produzido, faremos também a descrição das situações em que são produzidas tais estruturas.

É, portanto, a partir desta base que poderemos fazer uma inferência sobre o estilo usado por Mia Couto, que nos parece passar por uma aplicação da estrutura do provérbio (tipicamente da literatura oral) na literatura escrita, adequando as funções que a mesma tem na oralidade à situações criadas na literatura escrita.

III. A ESTRUTURA E O ESTILO DO PROVÉRBIO

Para falar da estrutura e do estilo do provérbio deve-se ter em conta a forma poética em que muitos são expressos. Esta forma poética pode-se apresentar de várias maneiras, detectáveis no modo de organizar as proposições que enformam o provérbio, assim como nas figuras retóricas decorrentes. Assim, nesta parte do trabalho apresentamos estruturas linguísticas e algumas figuras retóricas detectáveis em provérbios reais para compará-las às estruturas e figuras retóricas presentes em expressões que contêm as formas do provérbio em "Terra Sonâmbula" de Mia Couto.

1. Estruturas linguísticas

1.1. Axioma

Tal como já fizemos referência no capítulo I, ponto 1 deste trabalho, a forma poética na qual os provérbios são expressos, transporta consigo uma verdade aceite pela comunidade em que tal provérbio é produzido. A aludida verdade, quanto mais óbvia fôr, mais credível se torna. É por isso que o uso de axiomas se torna necessário. Por exemplo, no provérbio da língua Xitsonga:

(1) "Ndlopfu ayitsandziwi hi timhondzo ta yona."

(Junod, p.16)

'Elefante nunca deixa de conseguir transportar seus chifres (dentes de marfim);

há uma verdade que obviamente é aceitável, dado que, se os dentes do elefante fazem parte do seu corpo, nunca constituiriam um peso para ele.

Esta forma de provérbio é também usual em literatura escrita. Mia Couto apresenta estrutura igual no livro "Terra Sonâmbula" nas seguintes passagens:

(a) "O que já está queimado não volta a arder" Exp.2^(*)

(b) "Peixe sempre leva escama" Exp.30

Seria questionável o carácter de axioma que consideramos terem as expressões (a) e (b) caso não se tomasse em conta a situação em que elas foram produzidas. Elas surgem em situação de diálogo, em que o emissor, que é o mesmo para ambas, tenta

^(*) Exp. "expressão" vide anexo-1

convencer o seu interlocutor a aceitar, no caso (a), viver num autocarro queimado e, no caso (b) ter sempre preferência pelas mulheres com tatuagem. O cunho de verdade que elas ostentam não só se confirma na situação em que elas são produzidas, mas também no contexto sócio-cultural dos interlocutores. É este contexto que delimita a sua cognição de modo a crerem na veracidade do que as duas expressões traduzem.

1.2. Proposição

1.2.1. Proposição negativa e proposição positiva

O provérbio, para além de ser portador de uma verdade geralmente inquestionável no seio da comunidade onde é produzido, constitui uma forma de compressão da linguagem. Com o uso do provérbio, economizam-se bastante as palavras. É assim que muitas vezes se usam proposições simples, tanto negativas como positivas, como nos exemplos seguintes:

(2) "Mulungu angana nhlevo" (Junod, p.116)

'Branco não tem segredo'

(3) "Nthlamu wu phase xihari" (Junod, p.172)

'Armadilha prendeu um animal'

- O homem conseguiu esposa

Estruturas sintéticas similares podem ser notadas em literatura escrita, tal como Mia Couto o faz:

(a) "O mar não tem governador ..." Exp.9

(b) "Um coxo faz inveja a um paralítico" Exp.25

Estes exemplos mostram a ocorrência de formas proverbiais

constituídas tanto por proposições negativas como por proposições positivas na literatura escrita. É verdade que os efeitos que estas formas produzem em cada um dos tipos literários podem não ser coincidentes, na medida em que o contexto em que se produz uma mensagem oral é diferente daquela em que se produz uma mensagem escrita, contudo, entre as duas formas nota-se uma intenção de remate veiculada por este tipo de formulação de proposições.

1.2.2. Contraste de proposições

Nalguns casos as proposições apresentam-se em contraste, congregando o mesmo provérbio duas ideias em relativa oposição:

(4) "Matwe mahanyisa, mavoni madlaya." (Junod, p.116)

'Oíça-as fazem viver (dão vida), veja-as matam!'

-Se lhe disserem que há um inimigo, ou um animal feroz, não espere para vê-lo com os próprios olhos porque ainda acaba morrendo.

Esta forma de constituir o provérbio, aparentemente não deixa antever a intenção do emissor em relação à reacção que espera do seu interlocutor, já que as duas ideias expressas nas duas proposições em contraste são colocadas hipoteticamente, dependendo do receptor a escolha de qualquer uma. Todavia, a ambiguidade da intenção do emissor, bem como a dúbia escolha do receptor, são dissipadas pelo facto de o uso do provérbio e a sua implicação dependerem do contexto sócio-cultural dos intervenientes, i é, tanto o emissor como o receptor devem estar a par da essência do provérbio em causa.

Em relação ao uso desta forma de contrastar proposições, não podemos afirmar que ocorra de igual modo, mas, isso sim, a maneira de dispor as proposições é bem aproveitada na escrita para produzir belos efeitos sintácticos. É o caso da seguinte passagem:

"Idos os próximos irados os distantes" Exp.16

1.2.3. Relação de implicação entre as proposições

A relação de implicação entre proposições é frequente na produção de provérbios, podendo ocorrer de uma forma implícita ou explícita, sendo a mais frequente a forma implícita:

(5) "Munhu langa hansí angawi" (Junod, p.112)

'Pessoa que está no chão (caída) não cai.'

- Um pobre não se admira de qualquer infortúnio que lhe surja porque já está habituado a eles.

Considera-se que há uma relação de implicação implícita entre as proposições do provérbio (5) porque, realmente, o facto de alguém estar no chão faz com que não mais caia. Esta implicação pode ser melhor ilustrada no seguinte esquema:

Esquema 1

Munhu l'anga hansí angawi

A

\bar{B}

Isto significa que $A \Rightarrow \bar{B}$.

Não se considera que as proposições A e \bar{B} constituem um provérbio pelo simples facto de terem entre si uma relação de implicação, porque esta pode ser identificada em outras sequências de proposições que não são provérbios. Há, no caso

desta implicação, para além da verdade por elas expressa, a forma abstracta em que todo o provérbio é expresso, o que permite ao sujeito de enunciação distanciar-se do seu enunciado.

Na forma escrita também se pode identificar este tipo de relações entre as proposições. No livro "Terra Sonâmbula", elas ocorrem de maneiras variadas:

(a) "O que já está queimado não volta a arder" Exp.2

A \bar{B}

$A \Rightarrow \bar{B}$

(b) "Quanto mais belas as penas, menos você cai na panela"

Exp.39

A \bar{B}

$A \Rightarrow \bar{B}$

(c) "Casas juntas, ardem juntas" Exp.35

A B

$A \Rightarrow B$

(d) "Quem não tem amigos é que viaja sem bagagem"

\bar{A} \bar{B}

$\bar{A} \Rightarrow \bar{B}$

Tomando em consideração a implicação constante no exemplo (5) e as extraídas do livro de Mia Couto, pode-se chegar à conclusão de que em provérbios orais ocorrem apenas implicações do tipo $A \Rightarrow \bar{B}$, enquanto que nas estruturas proverbiais da literatura escrita as implicações podem ser de vários tipos, tal como se nota em (a); (c) e (d). Contudo, uma generalização deste tipo pode não ser realista, dado que o número de provérbios orais analisados neste trabalho é limitado e centrou-se mais em provérbios de uma língua, o Xitsonga falado em Moçambique.

1.2.4. Relações de equivalência entre elementos de uma mesma proposição

As relações de equivalência entre elementos de uma mesma proposição são muito frequentes na formação de provérbios. A preferência por esta forma de constituir os provérbios pode-se dever ao facto de ela permitir uma condensação da mensagem e também à possibilidade de equiparar facilmente realidades da vida humana com realidades da vida animal, de fenómenos naturais e com outras. Por exemplo:

(6) "Ukosi i nwandzu (mberhe)" (Junod, p.10)

'Riqueza é cacimba'

-A riqueza de alguém desaparece tal como a cacimba desaparece com os raios solares

(7) "Nandzu i nsila"

'A culpa é sujidade'

- A culpa é como sujidade que volta ao corpo mesmo depois da higienização

Na literatura escrita formas similares ocorrem. É a partir destas formas que os escritores podem constituir comparações e metáforas. Mia Couto usa esta forma em passagens como:

(a) "O sonho é o olho da vida" Exp.5

(b) "O chão deste mundo é o tecto de um mundo mais por baixo" Exp.13

(c) "Em Moçambique a guerra é como uma machamba" Exp.34

O facto de considerarmos que as formas de provérbio oral exemplificadas em (6) e (7) são aproveitadas na literatura escrita, tal como mostramos em (a), (b) e (c), pode levar ao

surgimento da seguinte questão: Porquê deste relacionamento, se a comparação e a metáfora foram sempre figuras retóricas usuais na literatura escrita? De facto estas figuras são usadas na literatura escrita sem que isso seja por influência das formas do provérbio oral, contudo, este paralelismo assenta no facto de, por um lado formas equivalentes usadas por Mia Couto serem expressas de uma forma abstracta e, por outro lado, fazerem alusão a um "mundo" de coisas semelhantes ao referido em provérbios orais e que nos encaminha a uma concepção tradicional de interpretar esse "mundo". Por exemplo, na frase "O chão deste mundo é o tecto de um mundo mais por baixo." está implícito o conceito tradicional de que os mortos "constituem" uma outra "vida" depois de enterrados.

2. Processos retóricos

O provérbio, particularmente o provérbio africano, para além de proporcionar várias formas poéticas, há na sua expressão a natureza oblíqua e alusiva, feita através de referência a vida animal, a fenómenos naturais, a fenómenos da vida quotidiana e a outros. A alusão, particularmente à vida animal e a fenómenos naturais, segundo Matusse (1993), deve-se ao facto de imperar nesses domínios uma espécie de "perfeição", uma lógica imanente e funcional diferentes dos comportamentos humanos, mais instáveis e arbitrários. E porque assim se julga, a alusão à vida animal se torna mais adequada para explicar ou orientar a vida dos humanos de uma forma oblíqua, embora às vezes directa. Tal forma concretiza-se através do uso essencialmente da metáfora. Aliás

Finnegan (1970) afirma que "one of their (of proverb) most noticeable characteristics is their allusive wording, usually in metaphorical form". Por esta razão interessa fazermos nesta parte do trabalho uma análise de como funciona a metáfora, de modo a estabelecermos um paralelismo com a sua aplicação nas estruturas proverbiais usadas por Mia Couto.

2.1. Noção de metáfora e seu funcionamento

A metáfora, de um modo geral é determinada por uma relação de semelhança entre as "coisas" (incluindo conceitos, ideias, etc.). É esta relação de semelhança que faz com que uma determinada "coisa" seja designada por um outro nome usado geralmente para designar uma outra "coisa". Por exemplo:

"Quando saí de casa, nascia a madrugada da noite por acabar..."

Carneiro Gonçalves (1980) usa a palavra "casa" para designar a sombra do embondeiro onde o narrador se deitou com a personagem Noémia. A transferência que se opera nesta metáfora pode ser esquematizada da seguinte forma:

A = "casa" > A'

B = "Sombra do embondeiro" > B'

A ≠ B
 ↓ ↓
 A' ≈ B'

O esquema acima quer significar que casa A' e sombra de embondeiro B' são "coisas" diferentes, mas que são colocadas como a mesma "coisa", porque conceptualiza-se que possuem certas semelhanças funcionais (servem para as pessoas se deitarem



nelas). Teria sido difícil identificar que "casa", na frase acima transcrita, refere-se à sombra do embondeiro se não fosse o recurso ao contexto em que ocorre e à identificação das características funcionais comuns, isto porque o objecto referido (sombra do embondeiro) não vem expresso. Esta é a metáfora "in absentia", diferente da metáfora "in praesentia", em que o objecto em causa vem referido.

Tanto a metáfora "in absentia" como a "in praesentia" podem ser identificadas em provérbios orais, às vezes reforçadas por uma certa dose de exagero, ou em forma de personificação e até como forma de exprimir uma ideia ironicamente. Será que as duas formas da metáfora são usadas de igual modo em provérbios orais e com a mesma frequência? E qual é o seu funcionamento na literatura escrita?

2.2. O funcionamento da metáfora em provérbios orais e sua aplicação em literatura escrita

Tal como já nos referimos, a metáfora pode ser identificada em muitos provérbios orais africanos e constitui a figura retórica com maior presença. Entre a metáfora "in absentia" e a metáfora "in praesentia", parece-nos ocorrer com maior frequência a primeira. Por exemplo:

(8) "Humba ayicukumeti xikhamba xayona". (Junod, p.56)

'O caracol não deita fora a sua "carapaça".'

-Ninguém deve deixar de seguir a sua tradição (hábitos).

Neste provérbio há a palavra "humba" que é usada no lugar de "ser humano" e "xikhamba" no lugar da "tradição". O objecto

referido não está expresso na frase que constitui a metáfora, pois trata-se de uma metáfora "in absentia". Esta metáfora normalmente constitui uma imagem na formação de provérbios, dado que, aparentemente, nela ocorrem dois elementos ("humba" e "xikhamba", "caracol" e "carapaça", respectivamente) que perfazem, no seu todo, a imagem do objecto que tem como elementos principais o "ser humano" e a "tradição". Um provérbio constituído desta forma permite a expressão de ideias totalmente oblíqua, o que impossibilita a apreensão da sua implicação sem se tomar em conta as circunstâncias e o contexto em que é produzido.

Mia Couto usa expressões com estruturas idênticas, tanto em forma de metáfora "in praesentia" como "in absentia":

(a) "O sonho é o olho da vida". Exp.5

(b) "Melhor sentinela é não ter portas." Exp.7

-A melhor defesa é ser pobre.

Na frase (b) identificamos uma estrutura semelhante à exemplificada em (8), porque toda a frase (b) representa uma imagem do objecto cujos elementos principais são "defesa" e "ser pobre". Neste caso, também é necessário recorrer-se ao contexto para se identificar a sua implicação, embora se trate de literatura escrita.

IV. CONTEXTOS EM QUE SÃO PRODUZIDOS OS PROVÉRBIOS

Já vimos a essência do contexto e das circunstâncias em que é produzido o provérbio para se poder apreender a sua implicação, bem como para interpretar a figura retórica decorrente. Uma abordagem a este respeito visa visualizar algumas das

circunstâncias em que o provérbio oral é produzido para posteriormente se estabelecer um paralelismo entre tais circunstâncias e aquelas em que podem ser produzidas estruturas proverbiais na literatura escrita.

O provérbio oral é produzido geralmente por comunidades de tradição oral em circunstâncias diversas para esclarecer, explicar ou orientar a vida da comunidade em que é produzido. Deste modo ele reflecte a vida sócio-cultural da comunidade que o produz, e, conseqüentemente interpretável tomando em conta a vivência dessa comunidade e a sua relação com o "mundo" que a rodeia. é usado geralmente por adultos com maior experiência da vida, em discussões de reuniões de julgamentos, de análise da vida comunitária e em conversas de grupos restritos; é usado para educar, dando um cunho de autenticidade às referências feitas assim como para repreender um mau procedimento e às vezes simplesmente para embelezar o discurso. Ruth Finnegan (1970) considera que não há regras gerais para a formação de provérbios (particularmente os de origem Bantu). Cada grupo linguístico tem a sua forma favorita. Contudo, certos moldes são aparentados. Assim sendo, pode-se depreender que uma mesma estrutura proverbial pode ser adoptada por diferentes comunidades linguísticas em contextos diferentes e com implicações diversas. Se a estrutura do provérbio é flexível e adaptável a circunstâncias diferentes, então o escritor como sujeito de um acto criador cuja consumação exige o contributo de qualidades de execução especificamente técnico-literários, pode adoptar a estrutura do provérbio oral em literatura escrita, criando situações propícias para a sua inserção, tais como diálogos entre

personagens cujo "background" cultural esteja ligado à tradição oral. E é desta forma que podemos identificar estruturas proverbiais em "Terra Sonâmbula" de Mia Couto. Várias funções do provérbio oral podem ser detectadas no livro deste autor, tais como:

- Convencer: (a) "Casas juntas ardem juntas." Exp.36
- Educar : (b) "Sem tatuagem a mulher que está na pessoa não
acorda" Exp.29
- Admoestar: (c) "Carolinda lhe avisa: ele estava a subir
a árvore pelos ramos" Exp.37

A expressão apresentada em (a) surge numa situação em que a personagem Carolinda, mulher do senhor administrador ia ter com o seu amante Kindzu e o senhor administrador voltava de um negócio obscuro não aceite pela sua esposa. Esta faz ver ao administrador que o povo lhe descobriria os procedimentos incompatíveis com a sua função, o que faria com que ele e ela sofressem consequências disso. É por esta razão que a expressão proverbial, enriquecida pela repetição da palavra "juntas", tem a função de convencer. Na mesma situação comunicativa surge a expressão (c) cuja função é advertir o senhor administrador sobre o mal que poderia advir do facto de pretender desenvolver negócios com pessoas que outrora eram seus colonizadores, representadas no texto pela personagem Virgínia.

A função educativa identificada na expressão (b) nota-se pelo facto de ela ter surgido em diálogo entre uma personagem adulta, Tuahir, (emissor) e uma outra mais nova, Muindiga. Este estava na fase de adolescência e, Tuahir viu-se obrigado a elucidar-lhe da situação em que se encontrava. Como Tuahir era

portador de uma experiência adquirida no seu meio sócio-cultural no que concerne às "qualidades" das mulheres, instruiu a Muidiga para preferir aquelas que tivessem tatuagem, dado o seu "poder" de excitar facilmente os homens.

Também o sujeito criador pode usar o provérbio como uma das formas do discurso abstracto, em que ele expressa certas ideias a respeito de uma dada situação e até ironizando:

(d) "A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder" Exp.4

(e) "... a terra está triste como uma viúva" Exp.20

As expressões proverbiais presentes em (d) e (e) são uma demonstração do uso do discurso abstracto que, segundo Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1990), funciona muitas vezes como instrumento eficaz numa estratégia de manipulação, já que mascara o "ego" responsável pelo discurso, aparecendo este último como expressão neutra e inquestionável de uma verdade por todos aceite. As duas expressões são usadas pelo narrador para exprimir um ponto de vista sobre a guerra entre moçambicanos, decorrida de 1977 a 1992, sobre a realidade vivida no espaço sócio-político de então, optando por propositadamente manipular o seu discurso de modo a esgueirar-se de uma eventual responsabilização.

Como se pode notar, as estruturas do provérbio podem ser usadas na literatura escrita, às vezes com a mesma função que possuem em literatura oral, outras vezes não.

V. CONCLUSÃO

É facto real que as estruturas do provérbio são usadas na literatura escrita. Nalguns casos há coincidência entre as funções do provérbio na oralidade e as que desempenha na literatura escrita, mas, em outros essa coincidência não se verifica. Mia Couto não só se aproveita destas estruturas para embelezar o seu discurso mas também para exprimir algumas das suas ideias de um modo abstracto e, acima de tudo, reforçar a verosimilhança da sua história, explicando o comportamento que reflecte o "background" e vivência sócio-cultural das personagens. Tal aproveitamento de estruturas proverbiais é evidente em passagens tais como:

(...) - Você estêvão é como a hiena: só tem esperteza para coisas mortas.

- Essas suas palayras já são canto de sapo.

- O povo vai-te apanhar. Não voltas mais a esta casa, senão te denuncio. (...)

Carolinda lhe avisa: ele estava a subir a árvore pelos ramos. (...) Afinal um bruxo é apanhado por outro bruxo.

- Não sabe Estêvão? Casas juntas ardem juntas. (...)"

(p. 181)

São as comparações e as metáforas usadas pelas personagens Carolinda e Estêvão que mostram a equiparação entre a vida animal e a humana; a metáfora "in absentia" reforçada pela repetição de palavras, não só contribui para uma beleza fónica mas também facilita a construção de um discurso abstracto, pertinente para a expressão de ideias obliquamente em contextos sócio-políticos

idênticos ao da história narrada.

Portanto, a riqueza do provérbio oral é tão vasta que pode permitir estudos multifacetários quando usado em literatura escrita: (1) a diversidade da sua forma linguística pode ser um dos objectos de estudo, tanto no aspecto de frequência como nos moldes em que se constitui; (2) o aspecto retórico decorrente da manipulação dos elementos linguísticos pode permitir inferir sobre o estilo adoptado por um escritor numa determinada obra e (3) toda a análise do provérbio, ou simplesmente da sua estrutura, deverá ser feita tomando-se em conta o contexto e a situação em que são produzidos tais provérbios ou estruturas proverbiais para se poder apreender as suas implicações.

ANEXOS

ANEXO-1

Expressões com estruturas do provérbio em "Terra Sonâmbula" de Mía Couto

1. "Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo." (p.11, Tuahir)
2. "O que já está queimado não volta a arder." (p.10, Tuahir)
3. "Em tempo de guerra filhos são um peso que trapalha maningue." (p.12, Tuahir)
4. "A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder." (p.17, narrador Kindzu)
5. "De dia já não saímos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida." (p.17, narrador Kindzu)
6. "A pobreza é a nossa maior defesa. A miséria faz conta era nosso patrão para quem trabalhávamos." (p.18, Kindzu, citando seu pai)
7. "Quem não tem nada não chama inveja de ninguém. Melhor sentinela é não ter portas." (p.18, Kindzu, citando seu pai)
8. "Faça guerra tanto como não: monhé está sempre na meio..." (p.28, Surendra)
9. "O mar não tem governador... Mas... a pessoa não mora no mar." (p.33, adivinho consultado por Kindzu)
10. "Só mora no mar quem é mar." (p.33, adivinho)
11. "Quem não tem amigo é que viaja sem bagagem." (p.34, Kindzu citando seu pai)
12. "Mas a morte é um repente que demora." (p.43, Kindzu)

13. "O chão deste mundo é o tecto de um mundo mais por baixo."
(p.43, Xipoco)
14. "... não vale a pena, é como pedir a cajueiro para não entorttar seus ramos. Mas nós cumprimos destinos de tapete: a história há-de limpar seus pés nas nossas costas." (p.61, Assane)
- 15 "Vai subindo com vagares, demorando como se fosse cobra procurando os pés." (p.94, narrador)
16. "Ides os próximos irados os distantes." (p.95, narrador)
17. "Nenhum rio separa, antes costura os destinos dos viventes."
(p.96, Nhamataca)
18. "Esperto é o mar, que, antes em vez de briga, prefere abraçar o rochedo." (p.97, narrador)
19. "O homem é como a casa: deve ser visto por dentro." (p.97, Tuahir)
20. "... a terra está triste como uma viúva." (p.98, narrador)
21. "... a escuridão nos faz nascer muitas cabeças." (p.102, Kindzu, citando seu pai)
22. "Quem dorme no colo do outro perde a alma." (p.108, Kindzu, citando seu pai)
23. "São nossos olhos que fazem o belo." (p.144, Kindzu)
24. "Em terra de miséria um pequeno nada é olhado com muita inveja." (p.119, Kindzu)
25. "Um coxo faz inveja a um paralítico." (p.119, Kindzu)
26. "A riqueza é como o sal: só serve para temperar." (p.119, Kindzu)
27. "No fundo da latrina não pode haver guerra limpa." (p.121, Assane)

28. "Vale a pena uma puta miúdo. Gastamos o bolso, não o peito."
(p.133, Tuahir)
29. "Sem tatuagem a mulher que está na pessoa não acorda."
(p.134, Tuahir)
30. "Peixe sempre leva escama." (p.134, Tuahir)
31. "Do menos o mal: afinal, grão a grão o papa se enche de galinhas." (p.139, Abacar)
32. "No papar é que está o ganho." (p.139, Abacar)
33. "Em terra de cego quem tem um olho fica sem ele." (p.140, Abacar)
34. "... em Moçambique, a guerra é como se fosse uma machamba."
(p.140, Quintinho)
35. "Casas juntas ardem juntas." (p.181, Carolinda)
36. "Afinal um bruxo é apanhado por outro bruxo." (p.181, Carolinda)
37. "Carolinda lhe avisa: ele estava a subir a árvore pelos ramos." (p.181, Kindzu)
38. "As palavras de um dirigente devem encostar com a sua prática..." (p.183, Kindzu), citando Carolinda)
39. "... miúdo, faça como o galo que mostra as penas do rabo. Quanto mais belas as penas, menos você cai na panela."
(p.193, Kindzu)
40. "O destino o que é senão um embriagado conduzido por um cego?" (p.217, Kindzu)

ANEXO-2

Contextos em que ocorrem as expressões com estruturas do provérbio:

1. Tuahir conversa com Muidinga, tentando convencê-lo a conviver com os mortos que estavam no autocarro queimado.
2. Tuahir tenta convencer a Muidinga para não temer ficar no autocarro porque os que o tinham queimado não voltariam para fazê-lo de novo.
3. Muidinga estava preocupado. Queria descobrir o paradeiro dos seus pais. Então Tuahir faz ver a ele que seus pais tinham-no abandonado ainda pequeno, já que ele (Muidinga) constituia obstáculo durante o tempo de guerra.
4. Reflexão de Kindzu sobre o que o pai dizia a respeito da guerra.
5. - idem -
6. Pai de Kindzu, quando ainda vivo, conversando com os seus filhos, tentando ensinar-lhes a interpretar certos fenómenos e procedimentos em tempo de guerra.
7. - idem -
8. Surendra, comerciante indiano, faz ver a Kindzu a neutralidade dos "monhés" em tempo de guerra.
9. e 10. tentativa do adivinho (curandeiro consustado por Kindzu) de convencer a Kindzu a não viver no mar.
11. Reflexão de Kindzu em tempo de partida para uma viagem.
12. (...)
13. Xipoco (fantasma) demonstrando a Kindzu a existência de "vida" debaixo da terra.

14. Assane dirigindo-se ao sr. administrador para lhe revelar ser infrutífero continuar a trabalhar para o povo que não o entendia.
15. O narrador apresenta a forma como Nhamataca, fazedor de rios, subia do fundo da cova que viria a ser o leito do rio.
16. O narrador faz ver que, por causa da loucura de Nhamataca, os seus familiares abandonaram-no e outros ficaram irados.
17. O narrador cita Nhamataca a revelar o seu afecto pelo rio, já que se julgava ter sido gerado num rio.
18. O narrador tenta demonstrar a impossibilidade de Nhamataca fazer passar o rio em construção por uma zona pedregosa.
19. Tuahir mostra a Muidinga que Nhamataca não era maluco quando tentava fazer um rio, algo se passava com ele e que isso devia ser descoberto.
20. Posição do narrador em relação ao estado da terra que provocava consternação, já que estava abandonada devido à guerra.
21. Kindzu recorda-se das advertências que o pai fazia quando conversava com os seus filhos.
22. Pronunciamento de Farida tentando convencer a Kindzu para não dormirem no mesmo "leito".
23. Reflexão que surge como consequência da beleza que Kindzu vislumbrava em terra destruída.
24. Kindzu faz esta referência a propósito do negócio que Assane fazia, alugando a sua carrinha de rodas a quem quisesse.
25. - idem -
26. - idem -
27. Assane faz ver as atrocidades da guerra, em que tudo e todos eram vítimas dela.

28. Tuahir tenta convencer a Muidinga para não amar porque o amor faz sofrer, enquanto que uma reelação casual não.
29. Tuahir mostra a Muidinga o valor da tatuagem numa mulher.
30. - idem -
31. (...)
32. Abacar tenta justificar o facto de Quintino consumir bebida alcóolica.
33. Abacar, membro da polícia de segurança, mostra que Quintino estava a demonstrar conhecer demais, o que podia não ser do agrado do regime vigente e que isso podia levá-lo a uma eliminação.
34. Quintino dá a entender que muitos que estavam envolvidos na guerra tiravam muito proveito dela.
35. Carolinda faz ver ao marido que, se ele se envolvesse nalgum mal, ela também estaria envolvida.
36. O narrador faz tal referência porque o marido da Carolinda (sr. administrador) saía de casa de noite para se envolver em negócios obscuros e ela também saía para se encontrar com Kindzu, seu amante.
37. Carolinda tenta mostrar ao marido que estava a seguir um caminho errado.
38. Carolinda, em conversa com o seu amante Kindzu, faz ver a este que o seu marido não devia ser hipócrita.
39. Kindzu refere-se à Virgínia que se fazia passar por uma maluca para que não lhe exigissem a fortuna do seu falecido marido.
40. Reflexão de Kindzu pelo facto de não saber exactamente qual seria o seu futuro.

BIBLIOGRAFIA

COUTO, Mia (1992): TERRA SONÂMBULA-Romance
Editorial caminho-Lisboa

FINNEGAN, Ruth (1970): ORAL LITERATURE IN AFRICA
Oxford University press

GONÇALVES, Carneiro (1880): CONTOS E LENDAS
I. N. L. D., Maputo-Moçambique

JUNOD, Henri Philippe and JAQUES, Alexandre A. (1957): VUTLHARI
BYAVATSONGA
The Central Mission Press

LOPES, Oscar (1972): CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA
Editorial Inova

LOPES, Oscar e SARAIVA, António J. (1953): HISTÓRIA DA
LITERATURA PORTUGUESA
Coimbra, Livraria Almedina

MATUSSE, Gilberto (1993): A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE
MOÇAMBICANIDADE EM JOSÉ CRAVEIRINHA,
MIA COUTO E UNGULANE BA KAKHOSSA
Tese de Mestrado

NKENTIA, J. H. K. (1958): FOLKLORE OF GANA

NKOSI, Lewis (1981): TASKS AND MARKS: TEMES AND STILES AFRICAN
LITERATURE

REIS, Carlos (1981): TÉCNICAS DE ANÁLISE TEXTUAL

3ª edição

Livraria Almedina, Coimbra

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. (1990): DICIONÁRIO DE

NARRATOLOGIA

Coimbra, Livraria Almedina

SILVA, Victor M. Aguiar (1990): TEORIA DA LITERATURA

8ª Edição

Coimbra, Livraria Almedina